

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2023

# Saudação a José Luís Cardoso

JORGE BRAGA DE MACEDO

Cumpre-me responder ao elogio histórico de Armando Gonçalves Pereira, diretor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa entre 1944 e 1968, por José Luís Cardoso, historiador do pensamento económico que nasceu a meio desse período e entrou para o Quellas em 1973, quando a escola já passara a chamar-se Instituto Superior de Economia.<sup>1</sup>

Através de Maria Manuela Silva<sup>2</sup>, cedo começou a colaborar com o então Gabinete de Investigações Sociais. Assistente do ISE em 1978, iniciou um vaivém urbano cursando Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, onde, segundo Miriam Halpern Pereira, “foi um aluno brilhante na cadeira de História na licenciatura de Sociologia pois não havia ainda licenciatura em História no ISCTE”.<sup>3</sup> Obteve o diploma do ISCTE em 1981, quando o vizinho GIS se estava a tornar instituto autónomo da Universidade de Lisboa, tendo passado, em 2002, a Instituto de Ciências Sociais, Laboratório Associado. Em 2008, trinta e cinco anos depois do seu primeiro livro e dois anos antes da fusão da UTL na ULisboa, Cardoso peregrina a ligação com o GIS/ICS, voltando ao Campo Grande.

Mais importante do que o sítio, porém, é o modo como, desde cedo, enquadrou economistas portugueses no ambiente científico europeu e

---

<sup>1</sup> Agradeço comentários a versões anteriores, testemunhos de Maria Manuela Silva e Miriam Halpern Pereira sobre o recipiendário, bem como o envio do seu texto. A secretária e a bibliotecária da Academia prestaram o apoio costumeiro. Na minha Faculdade esclareci dúvidas de indexação e no IICT a Dr.<sup>a</sup> Laura Domingues ajudou a estabelecer a lista que serviu de base aos indicadores em anexo.

<sup>2</sup> Em “O Gabinete de Estudos Corporativos (1949-1961) e a génese de uma biblioteca moderna de ciências sociais” (rubrica 2.1, nota 28, p. 14) cita uma mensagem pessoal de MMS revelando “que a confiança existente entre os membros do GEC e o seu director permitia até a aquisição à consignação de obras que, caso estivessem repetidas, seriam devolvidas às livrarias fornecedoras”.

<sup>3</sup> MHP acrescenta que JLC “fez parte daquela plêiade de licenciados que tiraram 2.<sup>a</sup> licenciatura em pós-laboral depois do 25 de Abril”.

mundial. Assim, acompanha a *European Society for the History of Economic Thought* desde a sua fundação em 1996, sendo atualmente seu presidente (por sinal na ESHET ainda aparece com a filiação da extinta UTL...).

Manteve-se o peso do Quelhas, Mercês e Rua do Comércio no seu modo de pensar economistas por via de Manuel Jacinto Nunes, presidente da Classe de Letras e da Academia das Ciências entre 1980 e 1990. Em 1986, quando preparava a tese de doutoramento, as *Memórias Económicas Inéditas* (rubrica 4.17 no anexo) valeram-lhe o prémio Artur Malheiros da Academia das Ciências, da qual veio a ser eleito sócio correspondente e efetivo em 1995 e 2004, respetivamente. Ainda assim, não terá contado que a experiência de gestão de economistas adquirida no Quelhas iria alargar-se a outros cientistas sociais no Campo Grande...

Décadas a pensar e gerir economistas não se comparam, pois, às do seu predecessor imediato na cadeira 15L e ainda menos às dos anteriores, como Tomás Correia, professor de comércio no ISCEF (eleito sócio efetivo em 1929, quatro anos depois de ser correspondente), para não recuar até Bernardino Machado ou avançar para o nosso querido Mário Soares, que dispensa Economia e Finanças. Convidado pelo Presidente a ocupar essa cadeira em 2014, devendo responder-lhe o confrade António Valdemar, Soares voltou depois a sócio honorário.<sup>4</sup>

Dividi esta resposta em quatro seções, referentes à diversidade dos titulares das nossas cadeiras, ao percurso do novo titular, ao falecido decano da 6.<sup>a</sup> secção e à evolução da produção científica de José Luís Cardoso.

## DIVERSIDADE E DIFICULDADE

A diversidade é timbre dos que ocupam estas cadeiras, o que vai dificultando a resposta aos elogios. Por mim, foi fácil inaugurar lá em baixo a primeira destas oportunas sessões conjuntas, na qual contracenei com o meu vizinho Armando de Lencastre, elogiando António Manuel Pinto Barbosa, economista e governante, a quem sucedi na cadeira 18L em Novembro de 2013.

---

<sup>4</sup> A resposta ao Presidente foi assumida pelo Presidente. Agradeço a António Valdemar ter encontrado dois erros embaraçosos numa versão anterior e a Artur Anselmo o esclarecimento sobre o seu papel.

Mas não terá sido tão fácil para meu mestre e amigo Pedro Soares Martínez saudar-me de improviso, substituindo Paulo de Pitta e Cunha, economista sem quartel, que eu vim a saudar, quando, um ano depois, sucedeu na cadeira 13L a José Joaquim Teixeira Ribeiro. Isso foi difícil, não só porque tive de substituir o decano da 6.<sup>a</sup> secção, entretanto falecido, mas também porque o saudado me havia impelido a cultivar a economia monetária internacional nos Estados Unidos e não no Campo Grande, onde ele me ensinara — uma espécie de vaivém continental...

Responder hoje ao sucessor do pai de André Gonçalves Pereira, outro meu antigo professor, é ainda mais difícil porque me habituei a ver o Zé Luís, menino e moço, na casa de meus pais. Tal como no caso anterior, o recipiendário é mais antigo do que o saudante e este vem substituir o falecido decano da secção. Acresce aqui irmandade antiga, sempre atualizada.

Convidou-me a falar no plenário da conferência anual da ESHET em Rethymnon, Creta, em 2002, e dediquei essa lição ao prémio Nobel James Tobin, sócio correspondente estrangeiro que falecera poucos meses antes e cuja sucessão nos levaria a dinamizar a 6.<sup>a</sup> secção.<sup>5</sup> Conforme detalho abaixo, apoiou os esforços para, nesta Academia, honrar a memória de Jacinto Nunes e a do seu malogrado sucessor José da Silva Lopes.

Depois de me ter ajudado a honrar a memória de meu pai, coorganizando uma das conferências que deu os *Nove Ensaios na Tradição de Jorge Borges de Macedo*<sup>6</sup> traduziu a sua contribuição para inglês e publicou-a noutra revista indexada que fundou e dirige, o *e-journal of Portuguese History* (rubricas 1.2 e 6.10).

Na Faculdade de Economia, lembrou, nos vinte anos da sua morte, Alfredo de Sousa — com quem aliás partilho a fraqueza pelo desenvolvimento internacional, conforme evidenciam as atas da conferência da ESHET, publicadas

---

<sup>5</sup> Comparative development and institutional change, in *Economic development and social change* edited by George Stathakis and Gianni Vaggi, Routledge Studies in the History of Economics, Routledge, pp. 74-96. Antes desafiara-me a escrever um obituário sobre James Tobin para o *European Journal of the History of Economic Thought* que me permitiu comparar apontamentos em Cambridge com Richard Cooper e Ken Galbraith, não tendo conseguido convencer nem o primeiro do interesse de Tobin pelo desenvolvimento nem os organizadores do *Journal of the History of Economic Thought* a publicar "In memory of James Tobin, economista and honnête homme", que está disponível em: <http://www.jbmacedo.com/papers/tobin.html>.

<sup>6</sup> Publicação do IICT e CG&G lançada numa sessão conjunta em Abril de 2009, na qual apresentaram comunicações o atual Presidente e o então Secretário-geral, António Dias Farinha.

em 2006, e ainda uma colaboração em curso que também envolve a minha colega Maria Eugénia Mata.

Compreende-se assim a maior dificuldade de saudar o recipiendário abraçando referências comuns, como Miriam Halpern Pereira, uma antiga aluna de meu pai que orientou a sua tese de doutoramento sobre *O Pensamento Económico em Portugal nos Finais do Século XVIII* (347 páginas, rubrica 3.5 dedicada à mulher e filha) e de quem o jovem Cardoso guarda “a definitiva tomada de consciência da importância da componente histórica nos estudos de ciências sociais” (*ibid.* p. 13). Menos jovem, escreve sobre “Trabalho e lazer na história da ciência económica” (rubrica 6.9, homenagem a Miriam Halpern Pereira, que o ICS publicou em 2009, dedicado a *Portugal nos últimos dois séculos*).

Na tese agradecera também a Francisco Pereira de Moura, Jacinto Nunes e Nuno Valério, que “leram e comentaram alguns trechos deste livro”. Do confrade António Almodovar, como quem viria a escrever uma dezena de trabalhos, diz que “leu, anotou e discutiu o texto na sua versão (quase) definitiva”.

### NASCIDO E CRIADO NA FIGUEIRA

Nascido em 10 de Março de 1956 na Figueira da Foz ali frequenta o liceu municipal. Escreve, em 1983, um *ensaio histórico-biográfico* sobre Manuel Fernandes Tomás publicado pela Câmara Municipal por ocasião do 1.º centenário da vila (rubrica 3.6). É um trabalho que Miriam considera fora do quadro universitário, apesar de ir dizendo que esse período foi “um momento de grande abertura para o saber, como sempre acontece nos momentos de grande mudança. Era preciso “compreender o mundo”. A escolha do ilustre figueirense refletia certamente curiosidade própria pois a ele voltou Cardoso em 2004: “Político, munícipe, parlamentar” (rubrica 7.14).

Para Borges de Macedo, Fernandes Tomás ajudaria certamente a “compreender o mundo” como desejava Miriam, porque se lhe devia sobretudo “o mérito do primeiro liberalismo português ter sido estabelecido sem guerra civil”<sup>7</sup>. Isso mesmo resulta do ensaio: só uma monarquia

---

<sup>7</sup> *Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão* 1995, p. 573 e *Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar*, 2005, p. 239, nota 19.

constitucional permitiria rejeitar tanto o domínio espanhol como o inglês (p. 53, p. 68, p. 77).

Em 1978, licenciara-se em Economia pelo ISE, onde se doutorou, em 1988, e se agregou, em 1994, pouco antes de entrar para a Academia. Com prefácio de Jacinto Nunes, a série “Obras Clássicas do Pensamento Económico Português” do Banco de Portugal, inclui as já citadas *Memórias Económicas Inéditas (1780–1808)* (1987), *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas* (5 volumes, 1990/1991) e *Francisco Solano Constâncio, Leituras e Ensaios de Economia Política (1808–1842)* (1995).<sup>8</sup>

Co-organizou, ainda, os *Ensaios de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes* por ocasião da sua jubilação no ISEG em 1996 e, no ano seguinte, publica *Novos Elementos para a História Bancária de Portugal. Projectos de Banco 1801–1803* na série “História Económica” do Banco de Portugal.

A proposta de Jacinto, também assinada pelo decano Pinto Barbosa, Mário Júlio de Almeida Costa, José Vitorino Pina Martins, Manuel Viegas Guerreiro, Justino Mendes de Almeida e Martim de Albuquerque, chama-lhe o vulto “mais proeminente dos estudiosos do pensamento económico” e considera “mais do que suficientes” para a eleição o primeiro livro e mais sete trabalhos (rubricas 1.25, 2.18-19-20, 6.31-32, 5.21).<sup>9</sup> Também menciona que é

---

<sup>8</sup> Rubricas 4.12 a 15. e 4.17 em anexo. Do processo académico de JLC consta um artigo de Pedro Ary, intitulado “Mais de 200 anos de Economia em Portugal”, *Valor* n.º 401, Julho de 1999, p. 10, onde se resume esta série de publicações. A correspondência referente ao seu percurso académico começa em 06–07–1995 e termina com um agradecimento a Pina Martins (05–05–2004). Do processo consta ainda uma troca de cartas de finais de 2014, referente a uma suposta falta de assiduidade de confrades da 6.ª seção, troca aquela que envolveu também o atua decano e eu próprio.

<sup>9</sup> Por ordem cronológica, que não corresponde às rubricas citadas no texto, e segue aqui invertida. Teaching the history of economic thought. *The European Journal of the History of Economic Thought*, Vol.2, n.º1, Spring 1995, pp. 199-216; La diffusion internationale de la physiocratie: quelques problèmes ouverts. com Lluís Argemí e Ernest Lluch, *Economies et Sociétés - Série Oeconomia*, 1995, PE n.º 22-23, pp. 473-480; O pensamento económico na época da restauração. *Penélope*, 1993, n.º9/10, 135-149; O pensamento económico de Oliveira Martins, *Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico*. Lisboa: CISEP, 1992, pp. 339-355, que organizou com António Almodovar; A recente historiografia portuguesa do pensamento económico. *Ler História*, 1991, n.º 21, pp. 146-53; Economic thought in late eighteenth-century Portugal: physiocratic and Smithian influences in *Adam Smith Across Nations. Translations and Receptions of ‘The Wealth of Nations’*, organizado por Cheng-chung Lai, Oxford: Oxford University Press, 2000, pp. 221-233; Francisco Solano Constâncio e a polémica entre Malthus e Say, in *Estudos sobre o Pensamento Económico em Portugal*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 1990, pp. 67-82, organizado por Almodovar).

“coordenador geral do projeto de investigação e organização editorial do Centro de Estudos sobre Economia Portuguesa”, financiado pela Fundação Gulbenkian e o Banco de Portugal. Trata-se na verdade do CISEP (Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa) — onde também coordenou *Empresários e Gestores da Indústria em Portugal* (rubrica 3.4).<sup>10</sup>

Na proposta de eleição para a Academia, além de notar os trabalhos citados acima, refere-se que mais de um terço da sua tese de doutoramento assenta nas respetivas *Memórias*. Ocorre salientar que, para além de Domingos Vandelli e José Correia da Serra, citados na parte I, aparecem na tese outros faróis da investigação subsequente de Cardoso como Rodrigo de Sousa Coutinho e Joaquim José Rodrigues de Brito nas partes II e III, respetivamente. Esta termina com a polémica entre este e José da Silva Lisboa à volta de Adam Smith, argumentando que o brasileiro defendia o escocês por este ter mais consciência da importância do livre-câmbio. Na conclusão, cita o elogio da orientadora à “notável capacidade de duração” da sociedade portuguesa do antigo regime (p. 306), insurgindo-se na nota 3 contra os “credos marxistas” que pensam o contrário. No final reconhece que “muitas são as portas que ficaram por abrir” (p. 308) mas que tal é próprio de “uma tarefa de investigação... que é sempre inacabada...”

A orientação por historiadores manteve-o na história do pensamento económico, soube combinar a investigação com a gestão de cientistas sociais de diferentes origens pois preside ao ICS, depois de ter presidido ao Departamento de Economia e ao Conselho Científico do ISEG. Como referido acima, o vaivém urbano não cessou, nem impediu a implantação internacional.

## DE SALAZAR A KRUGMAN

No obituário que publicou no *Expresso* (rubrica 7.1), Cardoso conclui que o maior triunfo de Jacinto Nunes “é o reconhecimento público, inequívoco e unânime, do imenso valor do seu legado”. Nesse legado estarão certamente

---

<sup>10</sup> Com José Maria Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes e Maria de Lurdes Rodrigues, publicado pela Dom Quixote, em 1990.

as comunicações à Academia, nomeadamente a publicada no *Simpósio de Estudos Keynesianos* de 1977.<sup>11</sup> Não surpreende, então, o seu gosto pela multidisciplinariedade e o pluralismo metodológico, que Cardoso considera “poderoso antídoto contra o pensamento único de qualquer estirpe”. Adiante relata que Jacinto Nunes “costumava recordar, com ironia, um dos raros encontros que teve com Salazar” no qual teria manifestado “a sua crença nas virtudes do pensamento keynesiano, dele obtendo uma resposta sobranceira: ‘Deixe lá, deixe lá, isso passa-lhe’. Mas não passou.” Ora eu sempre ouvira dizer que essa resposta se dirigia a Luís Teixeira Pinto (1927–2012), ministro da Economia entre 1962 e 1965...

Felizmente, o próprio Jacinto Nunes conta na conferência sobre o Cinquentenário da Teoria Geral de Keynes (p. 59 das atas publicadas pelo ISE, em 1986, que organizou com Eduardo de Sousa Ferreira, rubrica 4.18) que se tratava de Ulisses Cortês (1900–1975), ministro das Finanças entre 1965 e 1968. Explica ainda a sua própria recusa em aceitar o convite aceite pelo seu amigo Teixeira Pinto em termos mais práticos do que doutrinários: “com Salazar a tarefa de ministro das Finanças estava mais facilitada do que a do ministro da Economia.”

A minha eleição para sócio efetivo, apoiada por Cardoso, ocorreu em finais de 2007, e a crise financeira que se verificou em 15–08–2008 permitiu reforçar a âncora dele na Academia, porventura em risco com o regresso ao Campo Grande e à gestão. Conforme se recorda na frase final das *Memórias Soltas* de Jacinto Nunes (p. 159), a crise teve grande impacto na perceção social dos economistas, tendo assim suscitado a curiosidade de outras disciplinas.

Também surpreendeu que a crise financeira originasse nos membros do “clube reformista” da OCDE e não nos países emergentes. Por isso, a visita da Rainha Isabel II à *London School of Economics* em 05–11–2008 e a sua famosa pergunta “se era tudo tão grande, como é que ninguém reparou?” deram pretexto para, um ano depois, debater esboços de resposta através de uma

---

<sup>11</sup> Conforme desenvolvo na homenagem que publiquei no n.º54 da *Nova Cidadania*, seguido acima no texto, Jacinto Nunes chamou-lhe a última peça “de um keynesianismo onde começo a ponderar as alternativas” como escreve na nota prévia do livro de 1998, intitulado *O Pensamento de Keynes. Aspectos Epistemológicos e Metodológicos*, onde reúne trabalhos tendentes a ultrapassar o pensamento cartesiano/euclidiano em favor do modo de pensar “babilónico”, que considera compatível com o paradigma científico de Thomas Kuhn.

carta enviada por sócios da Academia Britânica (que equivale à Classe de Letras da congénere portuguesa) acerca da crise “de olhos azuis” (como Lula lhe chamou).

Quem, na esteira do saudoso confrade Pina Martins, julgar que a famosa Carta à Rainha Isabel I escrita pelo bispo de Silves, em 1565 (a meio do concílio tridentino) se destinava mais a isolar Lutero, fonte de todos os males da Igreja, do que a convencer a destinatária, poderá compreender melhor a resposta preferida pela 6.<sup>a</sup> secção na sua reunião de 05-11-2009: a carta — dirigida a uma hipotética “Rainha Lusófona” com o nome de código LQL (*Letter to Queen Lusophonia*) — deveria incluir perspectivas do Sul, em especial do Brasil e de outros membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, além de confrades da Classe de Ciências, como Rui Vilela Mendes (aqui presente), Rui Malhó (que enviou escusa) e Jean-Pierre Contzen (também sócio da Academia Real da Bélgica, o que talvez permitisse alargar a LQL à francofonia, sem ferir suscetibilidades republicanas...). Não esquecendo que o inglês é a língua franca da economia e finanças, aquelas perspectivas visariam esclarecer a perceção dos economistas na crise para além dos países de inteligência lusófona global: foi esse o propósito do opúsculo *Writing to Queens while Crises Proceed*, publicado pelo IICT em 2013, e revisto e aumentado em 2015, numa edição do IICT<sup>12</sup> e do Centro Globalização e Governança da Faculdade de Economia dedicada à memória de Manuel Jacinto Nunes, que também inclui contribuições sobre lusofonia, designadamente de Renato Flores e que já ofereci à nossa biblioteca (onde está disponível com a cota Avulso B 5656).

Naquela reunião dinamizadora da 6.<sup>a</sup> secção, concluímos o processo de sucessão de Tobin com base em sugestões dos sócios, sendo proposto ao plenário de efetivos eleger Paul Krugman e Olivier Blanchard. Ao recuperar, assim, o papel da secção na escolha de sócios correspondentes estrangeiros, continuava-se a caminhar nos âmbitos internacional e interdisciplinar que haviam motivado a decisão dinamizadora tomada no Funchal em Março de 2008, conforme relatado na 2.<sup>a</sup> edição já citada do *Writing to Queens*.

---

<sup>12</sup> Por casualidade, foi hoje aprovada em Conselho de Ministros a integração do IICT na ULisboa exceto, algumas atribuições do Arquivo Histórico Ultramarino, que passam para a Torre do Tombo.

O mesmo foi reafirmado na reunião de 14 de Maio de 2015<sup>13</sup>, na qual também se debateu a sucessão do nosso malgrado confrade Silva Lopes, que soube da sua eleição para sucessor de Jacinto Nunes na cadeira 8L na véspera de cair em coma.

A conferência académica patrocinada pelo Banco de Portugal sobre “Os economistas e a crise”, prevista para a primavera de 2011 para a qual se convidariam Krugman e Blanchard, confrades de ambas as Classes bem como economistas lusófonos, foi adiado mas Krugman conseguiu participar numa reunião do projeto LQL. Assim, em 27 de Fevereiro de 2012, numa Aula Magna apinhada, Jacinto Nunes entrega o diploma de sócio correspondente estrangeiro da Academia ao prémio Nobel, na qualidade de decano dos economistas portugueses, por ocasião do seu doutoramento *honoris causa* pelas Universidades de Lisboa, Técnica de Lisboa e Nova de Lisboa, onde a sua lição foi comentada por Silva Lopes, tendo a primeira pergunta sido proferida pelo ora recipiendário. Pergunta sobre a essência do keynesianismo, *et pour cause*, à qual, enquanto moderador, não hesitei em chamar “a pergunta mais longa”...

### Publicações e tropeções

Também longa é a lista em anexo de 178 publicações, adaptada da constante do *site* do ICS com data de Março de 2014 (acrescentei o citado obituário, numerei pelas oito categorias e salientei as rubricas anteriores a 2008, constantes do *site* do ISEG). O padrão temporal revela uma alteração substancial da estrutura das publicações que poderá configurar-se como uma resposta às responsabilidades mais abrangentes de gestor do ICS. Depois da segunda travessia para o Campo Grande, a média anual de artigos e capítulos “internacionais” (secções 1 e 5) quadruplicou, mantendo-se a média das outras publicações (artigos e capítulos “nacionais”, livros organizados e escritos, relatórios e outros escritos). O peso do *stock* de artigos e capítulos

---

<sup>13</sup> Como podem testemunhar os confrades Jaime Reis e Manuel Porto, presentes na sessão, já que José Luís Cardoso delegou o seu voto no decano.

“internacionais” subiu assim de um quinto para metade.<sup>14</sup> A respeito do critério de indexação, recorde-se que não é o mesmo para livros e artigos com arbitragem já que o *Web of Science* inclui *Análise Social* nas revistas internacionais ao passo que a Imprensa de Ciências Sociais é uma editora nacional. Por outro lado, o critério da revista indexada não é cumulativo porquanto *Análise Social* não consta do Scopus.<sup>15</sup>

Vem-me ao espírito a data de hoje, 28 de Maio, porque o primeiro livro do recipiendário, dedicado a Manuel Fernandes Tomás, começa com a curiosidade toponímica dele ter nascido numa rua chamada dos tropeções para declarar: “A fazer fé na magia dos nomes, concluiríamos que este homem estava destinado a tropeçar... em qualquer inesperado percalço. Mas nem sempre os fados soam da mais previsível ou predestinada maneira!...”. Quero dizer o mesmo deste apaixonado pela história do pensamento económico que soube gerir economistas, outros cientistas sociais e historiadores no Quelhas e no Campo Grande, vindicando o seu precoce treino interdisciplinar num terceiro instituto, vizinho da filiação de destino. E tudo isto sem tropeçar!

Muito obrigado.

(SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO PROFERIDA NA SESSÃO PLENÁRIA PÚBLICA  
DE 28 DE MAIO DE 2015)

---

<sup>14</sup> A percentagem do total das duas primeiras categorias subiu de 22% no ISEG a 47% no ICS, com a correspondente queda das restantes de 78% para 53% (quadro anexo).

<sup>15</sup> Por isso, o critério da secção I no anexo passa a ser “Web of Science ou Scopus” em vez de “e”.

## Anexo: Estrutura das Publicações

ANOS	ICS	ISEG	TOT			ICS	ISEG	TOT
1	13	14	27			48%	52%	100%
2	4	21	25			16%	84%	100%
3	0	6	6			0%	100%	100%
4	4	14	18			22%	78%	100%
5	12	13	25			48%	52%	100%
6	11	23	34			32%	68%	100%
7	7	34	41			17%	83%	100%
8	2	0	2			100%	0%	100%
<b>TOT</b>	53	125	178	%		30%	70%	100%
ANUAL	ICS	ISEG	TOT			ICS	ISEG	TOT
1	2,0	0,6	0,9	250%	referee 1	25%	11%	15%
2	0,6	0,9	0,8	-28%	referee 2	8%	17%	14%
3	0,0	0,2	0,2	-100%	livros org	0%	5%	3%
4	0,6	0,6	0,6	8%	livros aut	8%	11%	10%
5	1,8	0,5	0,8	248%	cap int	23%	10%	14%
6	1,7	0,9	1,1	80%	cap port	21%	18%	19%
7	1,1	1,4	1,3	-22%	outrs art	13%	27%	23%
8	0,3	0,0	0,1		relatórios	4%	0%	1%
<b>TOT</b>	8,2	5,1	5,7	60%		100%	100%	100%
<b>SEC 1+5</b>	3,8	1,1	1,7	249%		47%	22%	29%
<b>OUTRAS</b>	4,3	4,0	4,1	8%		53%	78%	71%

Fonte: Lista de Publicações até Março de 2014 publicada no *site* do ICS, acrescentada de um obituário no *Expresso* de 19 Julho e salientando publicações anteriores a 2008, tais como constavam da lista no *site* do ISEG dividida em 8 grupos, disponível em <http://www.jbmacedo.com/acl/jlc.pdf>.